PALAVRA ABERTA E INSPIRAÇÕES
O (DES)UMANIZADO

A.M.O.R.

Onde habitam os seres miseráveis, ruas, sarjetas, lugares impalpáveis. Jogados por aí, em algum canto do canto, para viverem imperceptivelmente suas vidas de surda angústia, esperando alguma ajuda à custa. Nem que caia do céu, ou imerja do mar, toda ajuda é um véu, que afaga e mitiga o tempo a apedrejar. Calos, e além calos que calejam a pele d'alma, invisível aos olhos nus, sensível ao coração cru. Nem lágrimas hão de despejar para o sofrimento tentar abrandar, gerar uma poça de tristeza em um canto da cidade, para que alguém venha refletir-se nas mazelas alheias, nem ver a tristeza que permeia as rachaduras duras impuras desta cidade, que como todo as outras abrigam uma realidade, aparentemente incorruptível, inexorável, peremptória ...

Na rua de um padre que entrecorta a cidade, como ponte de ligação, singrando a urbe com essência religiosa, e no encontro dessa com um outra de um homem de nome derivado de um errante, e outra com um nome de região europeia embutida no fim do nome, havia uma praça e um formigueiro de ônibus com muita reverberação. Os ônibus paravam, circulavam, descansavam, descarregavam, choravam ... Um lugar com um tom e matiz bucólico, ares de despedidas e chegadas. Novos, jovens e velhos ares exalavam sobre a umidade fria. Viagens que acossavam a mente, fantasiadas, concretizadas, fracassadas, mal terminadas, de muletas. Interior paulista, mas não era só matagal não, cidade urbanizada, gente toda miscigenada, e apressada. Dizem ser terra da pedra... pedra seca... não sei porque seca, chove como em todo lugar. Talvez descubram a secura, talvez habite no interior de alguém, algum lugar, talvez secura das mazelas, de uns e outros que vivem em vidas depredadas.

Em torno do centro de transcedências, estacavam árvores e suas essências, imponentes, requebrando o concreto, demonstrando seu viver

desperto, e enfeitando rusticamente o lugar. Ladeando a onibusarada, assentava-se uma praça, um retângulo de gramado e troncos estruturados, ilhado pelo estacionamento de autos, onde repousavam os bichos gasosos. O pequeno perímetro de matiz esperançosa tornava o ambiente mais frugal e natural entre os veios das quase onipresentes pretas pedras prensadas sob os passos de todas as pessoas. Placas espalhadas diziam o que deveria ser feito para manter a ordem. Imagine se essas falassem, tamanha algazarra, e a ordem nunca existiria, tamanha a desordem de todos por natureza própria. E novamente ladeando a praça, mais próximo do fluxo do título religioso assentavam-se os pontos achapeulados, onde as pessoas esperavam os ônibus subalternos dos ônibus, ditos de viagens. Vale ressaltar que este ponto seria um bom candidato aos menos dramáticos do mundo, pois era possível ver o ônibus chegando de um lado, aguardá-lo circunavegar a rodoviária, parar no ponto e novamente circunavegar a rodoviária, para então depois sair do ciclo rodoviário e tomar seu rumo. Esses pontos, realmente, não venceriam nem um prêmio de tragédia ou drama. Eram resultados de uma engenharia de tráfego desetressada, como se tivessem pensado exatamente assim, para não causarem nem um tipo de sentimento ansioso nos frequentadores daquele ponto, tentando manter a essência boa e tranquila do interior, uma verdadeira joia rara para a alma e o coração.

A praça era ponto de encontro, era casa no ponto, para abrigar quem quisesse: degenerados, andarilhos, maltrapilhos, malandragens, perdidos, de tudo um pouco. Entre os homens e mulheres que dividiam suas colheres, havia algo peculiar e que não se deixava avoar, sem se indagar. Um cachorro com roupa, de camisa, bermuda e meia, o seu rabo sobre a polpa que fazia sua bermuda. Isso mesmo, um cachorro vestido como gente que dormia simplesmente entremeando os demais no gramado.

Mas quem era tal criatura? Quem lhe dera tal luxo de cobrir seu bucho como gente? Sempre fora um cão? Um cão com roupa? Um homem que se fez

cão com roupa? Metamorfose acontece só com borboleta? com cão não? E com homem sim? Por que logo um cão?

Certo dia, aparecera uma criança, fazendo suas andanças pelos estreitos da cidade. Fora parar na praça, não era bom lugar, mas a curiosidade foi matar. Era criança simples, com a puerilidade a flor da pele. Brincava naquela praça despreocupadamente, sem dar conta de todos os possíveis perigos, sem prensar em ampulheta, ponteiro ou tique-taque, apenas o deleite, sem maldade. De um lado, para o outro, volta-volver, deparou-se com o cão em vestimentas, interessou-se e se aproximou com aquiescência. O cachorro esticado e envergado repousava próximo a uma mulher em seus trapos que cobriam o seu leve descarnado corpo, ou talvez o contrário, tamanha a penúria de ambos, dos trapos e da mulher, não se sabia quem ajudava quem.

Aquela cena, pareceu tão peculiar à criança, Ficou medindo e olhando o cão por algum tempo, enquanto tudo ao seu redor mantinha o seu imparável fluxo para o progresso. Já sentada sobre o verdinho gramado, contemplava a esquisitice das roupas em um cão. O cachorro sonolentamente acordou, abriu um olho e avistou a criança com desdém, como quem nem quer ninguém, sem se preocupar, mas o cansaço era maior e permaneceu com o corpo enterrado sobre o gramado. A mulher, saindo do seu catatônico estado, balançou-se e notou a presença infantil. A criança recuou um pouco com o movimento feminino, pensou ter acordado-a. A mulher em uma fala arrastada e morfeuseada, disse:

- Boa tarde criança! O que faz aqui? Tá olhano Edimilson, o meu companheiro?

A criança apenas assentiu com a cabeça, não respondeu e permaneceu em seu estado taciturno. A mulher continuou a prosa:

- Sabe da história dele? Nossa! Você não vai acreditar bebê. Edmilson era homi, de uma hora pra outra virou bicho, não sei o que deu nele. Orei a pai do céu, em querer uma resposta. Talvez um dia eu entenda, ou já entendi, mas insisto em querer uma resposta do meu Sinhô - falou apontando para o céu nublado.

Hoje, vive vestido com roupas que às vezes coloco nele, ás vezes ele tenta se vestir, para não perder o costume de gente. Quando chegou aqui, chegou cansado. Pensa num bicho já cansado. Homi desgraçado com a vida - a criança ouvia atentamente, e a mulher continuava a contar, recheada de trejeitos e gestos com as mãos e caretas também. Vivia deitado, tinha seus vícios como todos - fazendo um gesto de bebida. Com o tempo foi ficando esquisito, pegando pra si trejeitos esquisitos, estranhos. Começou a não falar, preferia conversar com o tico e teco, ficar de boca fechada, só abrindo para encher o bucho mesmo. A gente aqui, uh ... João, Maridilson, Bonita dos dentes... a gente tentava conversar com ele, mesmo assim não respondia, não queria dizer e nem falar, apenas queria viver nesse casulo de cobertas, tudo veias e rasgadas, parecia lagarta. Os dias passavam, e ele cada vez mais calado, engolindo as próprias palavras. Mesmo calado, o que a boca não mexia, as pernas mexiam em dobro, andava muito por esses becos por aí de um lado ao outro, atrás de migaias, trocados, alguns trapos, revirando sacolas pretas e seus mistérios. Caía Sol, caía Lua, e ele começou a ficar meio tortificado, carcunda, como se quisesse aos poucos encostar as mãos no chão. Falava com ele, e ele com um zíper na boca. Passaram-se meses e Edimilson já tinha um nariz um pouco para frente, assim - e mostrou com as mãos -, que coisa maluca, parecia mágica, o que acontecia com Edimilson? Não se sabia, estava se bestializando, virando bicho, mais o que a gente já é. Depois quando foi ver, Edmilson andava sobre os pés e mãos, como um bicho de quatro pernas. ...

Edmilson se configurava como um quadrúpde, um subjugado pela sociedade alheia, que agora, mais do que nunca, lhe dava atenção devido ao seu jeito insólito de se locomover. Só lhe faltava brotar em sua calejada pele uma pelagem e seria como qualquer outro cachorro, outro bicho, outra coisa viva se arrastando pelos cantos e cantos, procurando uma saída.

- ... até que em uma semana, Edilson se embolou em um canto da praça, e faça chuva, faça Sol, ficou estátua, sem resposta. Eu fui me achegar do homi em sua

caverna, e nem tive coragem, será que estava morto? Não cheirava defunto. Do casulo quente saiu então um cachorro avestimentado, seu rabo debaixo da calça, sua pelagem coberta pela última e quase única roupa de Edimilson. No começim, me choquei, fiquei sem entender tal desfecho pro homi, parecia barbuleta, em vez de sair com asa, saiu com mais duas pernas nas mãos, para ficar mais preso ao chão. Virou bicho. Tentava me aproximar dele, e ele como se já me conhecesse, se aconchegava para perto de mim. Para livrar seu rabo, rasguei um buraco em sua calça para que o rabo, agora parte do corpo, pudesse abanar sem problemas. Realmente, acho que é Edimilson. Não se sabe se foi dádiva de Deus ou castigo, talvez castigo fosse viver sob a pele humana, cheio de culpas e manias enfiadas na cachola. Tem uma gente por aí que fala que a gente sempre evolui. Mas evoluir como Edmilson, de homi pra cachorro, acho que tem coisa errada. Mas no fundo, hoje Edimilson é o nosso herói, pois agora, como cão, as pessoas trazem comida para ele, e assim, como não perdeu a mania de usar roupas, não perdeu o coração bão, sempre trazendo e dividindo a comida com toda a gente.

A criança ouvira a história muda e sem reação, talvez não entendesse o que a mulher falasse, talvez entendera a transformação de um homem em um cachorro com sua mente infantil, essa difícil de ser digerida por qualquer mente, pois nem todo mundo acreditaria em tal fenômeno. Edimilson se libertara completamente. Viver sob a pele humana e suas responsabilidades sociais, é árduo. Agora, era bicho de quatro patas, era livre, sem preocupações. Inocente como uma criança, mesmo que seu passado apresentasse máculas ou não no seu repertório vital. Assim, se concretizara a Teoria de Darwin, o meio adaptou o ser, esculpiu-o no molde mais adequado para sua existência. Não muito um meio natural, na verdade, um meio social. Até Lamarck estivesse certo nesse caso, o ser se adaptou ao meio mediante suas necessidades sociais. Uma verdadeira ambiguidade entre teorias biológicas, com um sabor social. A insípida evolução temperada com apressamento dos tempos modernos. Os

alheios, não viam mais culpa nele, não possuíam mais escrúpulos quanto a sua presença. Era um pobre bicho abandonado. As pessoas lhe jogavam pedaços de comida e restos e não tinha vergonha de saciar a corrosiva fome de um pobre cão. E além do mais, conseguia comida para os companheiros, se tornara uma pequeno grande herói. Daquele momento em diante, a sua única fala era o seu latir e sua única expressão sentimental o abanar do seu rabo.

Os seus pedidos foram atendidos, suas dores humanas mitigadas. Poderia desfrutar da liberdade social, metamorfoseado e com algumas vantagens que só um cachorro poderia ter. De homem passara a ser melhor amigo do homem.

A criança terminara de ouvir a história de Edimilson e tirara suas conclusões sobre a verdadeira natureza do cão: era um cachorro com roupa que fora homem. Também inconscientemente, sentira (se é que sentira) a esdrúxula sensação da desigualdade e sofrimento, mas nada que fizera perder a essência pueril, ainda. Muda, saíra acenando ao cachorro e a mulher. Saíra para continuar a sua brincadeira pelos extintos bosques, agora concretados e insensíveis, da cidade. A mulher se despedira languidamente e virara para o outro lado, dando continuidade ao seu sono.

Ás vezes, para se alcançar a liberdade, não é necessário brotar em suas arqueadas costas asas para poder voar, mas simplesmente o acréscimo de mais duas pernas, eximindo-se da postura ereta e bípede do ser que não ama ninguém, de olhar altivo e sobranceiro que lhe faz esquecer onde pisa.